

Estádios e Quartéis

Ministro João Lyra Filho

Furtaram ao currículo do ensino primário as aulas de instrução moral e cívica, mas prospera a insidiosa incursão da juventude transviada... A professora do meu tempo nordestino repetia conceito corrente nos compêndios didáticos: - "Pátria é a identidade do sentimento, do espírito e das ações que nos inspiram a união dos esforços para atingir um fim comum". Estas palavras eram sabidas de cor e ainda hoje lhes agradeço os soberanos serviços com que têm arrimado meu destino. É verdade que, então, ainda não sabíamos vitalizar o poder da sua substância, mas sabíamos imaginá-las como a medida dos valores eternos.

O patriotismo é a medida dos valores eternos: tonifica a expressão da herança social, apura a riqueza histórica de um povo, alarga a consciência cívica de uma nação, aprofunda os lastros da sua cultura e anima a presença individual dos que recebem a missão de preservar a honra e a grandeza do patrimônio comum. O patriotismo é como a luz solar, que não se define mas que está presente; que aquece o corpo e ilumina a razão. É o ponto conspicuo de nivelamento das atividades humanas e das ambições distribuídas à vontade de cada um de nós.

No curso utilitário da vida o homem é dono do seu destino e realiza com a vontade própria o itinerário que o

conduz ao êxito, até onde as marcas do caminho não governem a distância aberta à prática dos ideais coletivos. Cada qual de nós tem o dever de renunciar a um pouco de si mesmo em benefício de todos. No mister que o predispõe à compreensão de que constitui apenas uma partícula da comunhão, o homem prepara-se para servir a si mesmo e à comunidade a que pertence. O desporto facilita-lhe o duplo descargo da realização e do controle.

Quem se dedica ao desporto cultiva suas energias físicas, anímicas e espirituais e mobiliza sua vocação para o mais alto e melhor. O autêntico desportista põe sentimento de renúncia no interesse próprio e espírito de luta na defesa das aspirações comuns. A fonte de beleza exposta ao banho do desportista é a verdade que avigora a saúde do corpo, aprofunda a luz do espírito e intensifica a paz do sentimento. A razão que ousa sumariar floresce, sobretudo, no trato da vida adolescente e é certo que "o desporto oferece a dupla vantagem de fortificar a saúde e pacificar a imaginação, principalmente no grave período da vida em que a psicose da puberdade inflama numa crise decisiva o complexo da personalidade humana".

A função social e pedagógica do desporto é mais sensível do que supõem os que não se apercebem das suas ressonâncias nem sabem medir a pressão do seu dinamismo, que invade os templos, os quartéis, os educandários, as oficinas, os campos e as ruas. Aturdidas ao péso de tantas angústias provocadas pela queda das imagens mais gratas ao espírito e ao sentimento das tradições e das esperanças, as multidões não têm por si o aplacamento oriundo da solidariedade desinteressada daqueles que concentram poder ou riqueza. As multidões não são favorecidas pela cultura que lhes permitiria neutralizar a força dos impactos emocionais.

O estádio é, para elas, uma pausa, um motivo fecundo de evasão, ou uma fuga ao derredor povoado de provações nutridas no pensamento insofrido. Enquanto se concentram nos derivativos do estádio, as multidões esquecem a vizinhança das angústias e embotam as imagens cruzadas nas aflições do cotidiano. Mais do que isso, elas se comunicam na solidariedade motivada e rica das emoções iguais, da mesma linguagem, dos mesmos rasgos que as surpresas dos lances polarizam. As multidões se confundem, na vida do estádio, e nenhuma porção do corpo social ali exposto valoriza *status* que possa aca-

nhar a expressão dos demais estabelecimentos.

Aquela instrução moral que o estádio desperta não tem sido valorizada nos currículos da educação social ministrada ao povo, embora essa valorização seja tão útil à cultura do bem que estimula a comunhão nacional quanto aquela instrução cívica difundida nos currículos do quartel. O estádio e o quartel são os termos do binômio que sustenta a grandeza do problema comum a todos os povos interessados na solução do próprio destino. Os estádios devem funcionar como escolas públicas de instrução moral como os quartéis já funcionam como escolas públicas de instrução cívica; ambos são contagiados pelas multidões.

O estádio deve ser o recreio do quartel e o quartel precisa ser o recreio do estádio; um e outro destinam-se à difusão e à intensificação de análogos mandamentos de educação social. Face ao estádio e ao quartel as nações renovam o itinerário histórico tantas vezes palmilhado no cruzamento da distância entre Sparta e Atenas, ou entre Atenas e Sparta. Desporto é movimento de cultura destinado à valorização do sincronismo da vida do corpo, da alma e do espírito. Mas não se depura a alma, nas práticas atléticas, sem que aos rasgos se associe a consciência cívica dos que se devotam a essa cultura, assim como não se emoldura a consciência cívica do povo sem o convívio em essência trabalhado nas palestras gregas e nas festas lúcidas.

O estádio, como o quartel, desperta o sentimento de obediência às regras das operações; adentra a capacidade aplicada ao raciocínio e à decisão; afervora o espírito de serviço; remarca o cunho da solidariedade e aprofunda os laços de respeito ao valor, à autoridade e ao dever. Tanto quanto isso, ambos estimulam a consciência da unidade e a cultura do despreendimento, ou da abnegação, ou do altruísmo. A substância que culmina no apostolado de ambos é o estoicismo, tantas vezes apequenado na correntiza hedonística destes tempos sem filosofia.

Os soldados preparam-se desportivamente, para uma luta contra a morte. Os desportistas preparam-se, militarmente, para uma luta a favor da vida. Com o instinto desportivo da força, o sentimento militar da ordem e o espírito cívico da coesão, os quartéis e os estádios multiplicam miniaturas do Brasil desejado e querido.